

QUINCAS BORBA: ou por que não devemos venerar Machado de Assis

Felipe Mansur (UERJ/USP)¹

Ao que tudo indica, Machado de Assis está na moda. As recentes aparições virais da estadunidense Courtney Novak, reverenciando “o maior escritor brasileiro”, gerou uma série de reações, desde divertidos memes, como o que imprime sotaque carioca à famosa epígrafe de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), até diversas reportagens sobre o autor e sua obra. E por que, afinal, a leitura de Machado causou um impacto tão profundo em Novak? Segundo ela mesma, porque o estilo de Machado “é simplesmente sublime, ele é tão engraçado, irônico”². No vídeo que viralizou, ela descreve todo seu prazer em ler *Memórias póstumas*, destacando a sensação de perda que a presença das páginas finais já lhe proporcionava.

Esse vídeo e todos seus desdobramentos, como se pode imaginar, causou comoção entre professores de literatura. A emoção de Novak se transformou em prova cabal de que estamos certos, de que “ensinar” Machado de Assis nas escolas não é apenas imperativo, mas uma possível forma de prazer a ser acessada pelos leitores. E, de fato, pela via da ambiguidade, do humor e da ironia fina, a obra do autor permite que leitores alcancem esse prazer “de canto de boca”, como afirma o pai de Janjão no conto “A teoria do medalhão”, de 1881. Mas esse prazer, contudo, não pode ser simplesmente ensinado. Não se trata de uma técnica, de um saber cumulativo, capaz de ser *aplicado* à leitura literária. O prazer da leitura é desenvolvido apenas na própria leitura, e, ainda que tenha relação com conhecimentos externos à obra, como autor e contexto histórico, não está submetida a esses conhecimentos, antes, rearticula-os.

¹ Professor de Teoria da Literatura do Instituto de Letras da Uerj. Atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado em torno da leitura literária no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

² (<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/06/01/livro-de-machado-de-assis-faz-influenciadora-americana-viralizar-nas-redes-sociais.ghtml>).

Flora Thomson-Deveaux, tradutora da edição de *Memórias póstumas* para o inglês que encantou Courtney Novak, também foi procurada a partir dessa novíssima onda machadiana e complementa muito bem essa ideia:

“Eu fiz a tradução sem saber se ela seria publicada. Era um projeto intelectual. O que me deixa muito feliz é pensar que, depois de tudo isso, uma pessoa possa pegar a minha tradução em inglês e ter uma reação que é muito sincera e despreziosa, e é a mesma que eu tive quando li em português, que é assim: ‘Nossa, que livro incrível!’. Isso é realização”, destaca Flora.

“Eu queria fazer uma pequena intervenção nas aulas de literatura brasileira no ensino médio para que os professores não afogassem a radicalidade dessa obra em elogios de como Machado é importante, ‘o pai da literatura brasileira’. **É impossível você rir de uma coisa se você está venerando. Eu acho que não é um livro para ser venerado, é um livro para ser curtido, degustado**”, ressalta Flora.³

Rir, curtir, degustar... as variações do prazer surgidas na leitura de obras como a de Machado de Assis não cabem no quadro determinista, ainda persistente, que circunda o espectro didático e metodológico do que se denomina ensino de literatura, em especial no Ensino Médio. Os livros didáticos, por exemplo, quando muito, apontam para alguma cena ou construção irônica de algum romance ou conto de Machado. Eles organizam (antecipam) a leitura do texto por meio de questionários ou quadros de fundo enciclopédico e, assim, desmobilizam os mecanismos de reação pela leitura, já que estabelecem um jogo de expectativas próprios ao ensino dito científico: é preciso encontrar todo o conhecimento fragmentado nas informações paralelas que compõem o livro didático *dentro* daquele outro fragmento de texto literário, já esvaziado de sua potência de surpresa e admiração. Em outras palavras, é muito difícil *rir, curtir ou degustar* o material didático de literatura que domina a bibliografia das escolas brasileiras – públicas e privadas.

Isso, evidentemente, não significa que diversas informações a respeito de um livro ou autor não possam participar da experiência de leitura. Assim como, é evidente, que professores podem e devem alterar esse quadro (e muitos o

³ Idem. Grifos meus.

fazem), criando espaços reais de leitura em suas aulas. E chegando, finalmente, a *Quincas Borba*, objeto deste texto, é importante, por exemplo, saber que ele começou a ser escrito em 1886, na forma de folhetim, mas só foi publicado como o livro que conhecemos em 1891. Nesses cinco anos, a Lei Áurea foi assinada, sob forte resistência de parte da oligarquia da época, e, um ano depois, um golpe de estado derrubou a Monarquia e instaurou a República no Brasil. Anos críticos – e decisivos – que forjaram um projeto de poder novo, ainda que com a presença de muitos de seus antigos supostos adversários.

Um contexto cultural e histórico, portanto, de profunda crise, tornando-se necessário pensar em que medida ele adentra a composição do romance, cuja trama se passa cerca de vinte anos antes – em que as discussões em torno da Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, já incomodavam tipos como Cristiano Palha, conforme ele conta a Rubião no dia em que se conhecem no trem. Palha, como parte considerável da elite, nobre ou arrivista (como ele), eram, por óbvio, contrários a mudanças no regime escravocrata. Reconhecer, também, na figura do Dr. Camacho o típico político profissional do Segundo Império (ou desde sempre?), cujas ideias não traduzem nada, além da disputa pelo poder e a manipulação, contribui para o efeito irônico nas cenas em que ele interage com Rubião, quase sempre cômicas.

Mas saber disso tudo, contudo, não tem relação com certa nomenclatura dominante no quadro de ensino: mais propriamente romantismo e realismo, no caso de Machado. O didatismo, na forma enrijecida das “escolas literárias”, é implacável. Não faz distinção entre Joaquim Manoel de Macedo (que você, se não for professor de literatura, dificilmente saberá quem é) e Machado de Assis: ambos são colocados sob o mesmo prisma, sob as “influências” e os “estilos” de seu tempo – e sempre ordenados cronologicamente nas páginas e, por consequência, nas mentes de estudantes e professores.

Acontece, contudo, que autores das mais variadas inclinações estéticas conviveram durante o século XIX. Como não poderia deixar de ser. A morbidez chamada de romântica, por exemplo, conviveu com a morbidez naturalista. E isso deveria ser óbvio, já que, afinal, morre-se em qualquer época e em qualquer

estilo. A maioria das obras é apenas uma reprodução de determinados clichês desses estilos, por isso não sobrevive. Machado de Assis, em seus melhores contos e romances, não pode ser definido pela simples presença desses estilos, pois sua obra não é a reprodução dessas marcas estilísticas, em que as expectativas do leitor são cumpridas, mas, antes, *a manipulação dessa expectativa, o logro com o leitor, a experimentação com a linguagem...*

Por isso, gostaria de pensar o *Quincas Borba* a partir da chave desse prazer da leitura. Simplificado nos termos usados por Flora Thompson, o que se entende aqui por prazer é, justamente, a *fruição*, que não se resume ao riso, propriamente, mas às emoções proporcionadas pela experiência da leitura. A tarefa, de fato, é difícil, talvez impossível, já que cada leitor, é claro, reage de forma distinta ao mesmo texto. Então não se trata de descrever esses efeitos, mas de demonstrar, no próprio texto em sua relação ativa com a leitura, de que modo eles são sugeridos pela narração de *Quincas Borba*. E parece ser por meio da *ambiguidade* que esses efeitos de prazer são ativados, pela instabilidade do sentido, pela chamada à participação do leitor na construção de significado, pelo desvelamento das contradições dos personagens.

A partir disso, que espero demonstrar em alguns poucos exemplos, todas as possibilidades de leitura do romance se enriquecem, pois incorporam ao sentido da interpretação o efeito dessa ambiguidade na poética machadiana. Em se tratando de *Quincas Borba*, três grandes perspectivas se abrem (e o tempo todo se comunicam): a da loucura, já tematizada em outros textos do autor, principalmente em *O alienista*, de 1882; a do quadro político de uma sociedade em crise, em que o enriquecimento e a ascensão social formam boa parte das ações dos personagens; e, também, a complexidade em torno do amor e do desejo, explorado não apenas a partir de Rubião, mas no triângulo que se forma entre ele e o casal Palha. Este texto, tranquilizo quem me lê, não abordará profundamente os três temas, nem poderia fazê-lo em poucas páginas. O que aponto, apenas, é a amplitude de perspectivas que podem ser abordadas em um romance como *Quincas Borba*.

Proponho, pois, algumas cenas narrativas, em que a dissimulação, o duplo sentido, o contraste e outras formas de construção de ambiguidade estão muitas vezes também permeadas pelo humor machadiano. Um humor muitas vezes sutil, em outras, contudo, quase caricatural – e, em alguns momentos, até agressivo conosco, os “desgraçados leitores”, como ele diz no capítulo CVI. Mas comecemos com a cena do trem e a chegada na trama do casal Palha, no capítulo XXI:

Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; **mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação.** Era plano deste **vender os escravos que o testador lhe deixara**, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. **Que lhe importavam escravos futuros, se não os compraria?** O pajem ia ser forro, logo que ele entrasse na posse dos bens. **Palha desconversou**, e passou à política, às câmaras, à guerra do Paraguai, **tudo assuntos gerais**, ao que **Rubião atendia, mais ou menos.** Sofia escutava apenas; movia tão-somente os olhos, **que sabia bonitos**, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor. (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. Grifos meus.)

A cena é emblemática no romance. O enredo, ou a maior parte dele, nasce desse encontro, cujo parágrafo reproduzido foi acrescentado apenas na versão para o livro, como observa John Gledson em seu livro *Machado de Assis: ficção e história* (1986). Machado acrescentou, neste pequeno fragmento, uma síntese do tipo de relação que vai se estabelecer entre os personagens ao destacar a posição e o pensamento de classe de Rubião e Cristiano, em que ninguém parece se importar de fato com a escravidão, apenas com seus interesses; e a formação do triângulo amoroso, sugerido na movimentação do olhar daquela que sabe ter os olhos bonitos, Sofia.

Observemos o trecho novamente, dando atenção aos destaques assinalados. Narrados sob uma forma tão sintética, pequenos detalhes como os acima destacados constroem um sentido desprezioso, mas, também, *enganoso* na leitura, seja em relação ao que escapa ao leitor, quanto ao que escapa aos

personagens que, naquele momento, trocam as primeiras impressões. Vejamos: Palha se espanta por um homem que aparenta ter a mesma posição social não ter a mesma reação em relação às mudanças nas leis da escravatura. Mas Rubião não é a favor, propriamente, das novas propostas legais: ele simplesmente não se importa, pois pretende vender e não mais comprar escravizados. Portanto, o que lhe interessaria nesse assunto? Machado revela, assim, numa conversa informal entre dois estranhos, a profundidade do problema brasileiro em relação à escravidão e suas permanentes consequências. Muitos não querem qualquer mudança, outros tantos não se importam. Fiquemos, portanto, “nos assuntos gerais”, como a Guerra do Paraguai, brutal evento histórico que, no trem que voltava de Vassouras com novos laços de amizade, transformava-se em simples tópico para se jogar conversa fora.

Quanto aos olhos de Sofia, os destaques são evidentes. Eles, e somente eles, movem-se entre os dois homens. A manipulação do dinheiro e do coração de Rubião, portanto, revela-se o trabalho do casal Palha ao longo do romance, sem que com isso se perca a *dimensão ambígua do desejo* fortemente presente nesse triângulo. Enquanto acompanhamos os pensamentos difusos e as cenas ridículas de Rubião, apaixonado pela esposa do amigo, também percorremos o quarto e o pensamento do casal Palha, sobretudo a consciência de Sofia.

Após a cena ridícula – e constrangedora – da declaração de amor para Sofia no jardim, no capítulo XXXIX, o romance percorre a mente de um Rubião humilhado e atordoado, vagando pela cidade. Só depois de alguns capítulos, o narrador volta a casa do casal e nos mostra a cena em que a esposa conta ao marido o que acabara de acontecer. E assim a cena íntima aponta, também, para diversos aspectos, morais e sexuais, em que se misturam desejo e interesse pecuniário, revelando um pouco mais da natureza dos Palha. A presença da ironia, a sutileza do tom da narração em torno de uma cena que deveria ser sobre honra e ciúme, suponhamos, revela-se gradativamente menos grave do que parece, torando-se, portanto, vulgar e ridícula. Vamos ao capítulo L:

Sofia, reclinada no canapé, ria das graças do marido. Criticaram ainda alguns episódios da tarde e da noite; depois, Sofia acariciando os cabelos do marido, disse-lhe de repente:

– E você ainda não sabe do melhor episódio da noite.

– Que foi?

– Adivinhe.

Palha ficou algum tempo calado, olhando para a mulher, a ver se adivinhava qual tinha sido o melhor episódio da noite. Não podia acertar; acudia-lhe isto ou aquilo, nada; Sofia abanava a cabeça.

– Mas então que foi?

– Não sei, adivinha.

– Não posso. Dize logo.

– Com uma condição, acudiu ela; não quero zangas nem barulhos...

Palha foi ficando sério. Zangas? barulhos? Que diabo podia ser? pensava ele. Já se não ria; tinha só um resto de sorriso forçado e resignado. Olhou bem para ela, e perguntou-lhe o que era.

– Você promete o que lhe disse?

– Vá lá. Que foi?

– Pois saiba que ouvi nada menos que uma declaração de amor.

Palha empalideceu. Não prometera deixar de empalidecer. Gostava da mulher, como sabemos, até o ponto singular de publicá-la; não podia ouvir a frio a notícia. Sofia viu a palidez, e gostou da má impressão causada; para saboreá-la mais, inclinou o busto, soltou o cabelo atrás, que a incomodava um pouco, recolheu os grampos em um lenço, depois sacudiu a cabeça, respirou largo, e pegou nas mãos do marido, que ficara de pé.

– É verdade, meu velho, namoraram-te a mulher.

– Mas quem foi o patife? Disse ele impaciente.

– Mau, se vamos assim, não digo nada. Quem foi? Quer saber quem foi? Há de ouvir sossegado. Foi o Rubião.

– O Rubião?

– Nunca imaginei tanto. Parecia-me acanhado e respeitoso; fica sabendo que não é o hábito que faz o monge. De tantos homens que aqui vêm, e até rapazes solteiros não ouvi nunca o menor dito. Olham para mim; naturalmente, porque não sou feia... Para que estás andando assim de um lado para outro? Para, que não quero levantar a voz... Bem, assim... Vamos ao caso. Não me fez declaração positiva...

– Ah! não? Acudiu vivamente o marido.

– Não, mas vem a dar na mesma.

E depois de contar o que se passara no jardim, desde que ali chegaram os dois, até que o major apareceu:

– Foi só isso, concluiu; mas é bastante para ver que se ele não disse amor é porque não lhe chegou a língua, mas chegou-lhe a mão, que me apertou os dedos... Só isso, e é demais. Ainda bem que te não zangas; mas é preciso trancar-lhe a porta, — ou de uma vez ou aos poucos; eu preferia logo, mas estou por tudo.

Como achas melhor? (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. Grifos meus.)

O contraste entre o marido indignado e a esposa triunfante revela o jogo de forças presente no casal, em que Cristiano, conforme já mencionado no capítulo XXXV, sente prazer ao constatar o desejo alheio pela esposa, desde que restrito a olhares e algumas danças, como outras cenas do romance revelam. Mas, apesar disso, Cristiano sente ciúmes, pois não pode deixar de empalidecer, como divertidamente nos diz o narrador. Fora da fantasia, o homem que cortejou Sofia só pode, é claro, ser um “patife”. Acontece que esse homem é Rubião, e a indignação acaba não sobrevivendo por muitos minutos. Cristiano, assim, recorre a um expediente muito antigo em situações como essa: culpar a mulher.

– Parece-me que te amofinas mais do que o caso merecia. Comparar os olhos de uma moça às estrelas, e as estrelas aos olhos, afinal de contas é coisa que até se pode fazer à vista de todos, em família, e em prosa ou verso para o público. **A culpa é de quem tem olhos bonitos.** Demais, apesar do que me contas, sabes que ele é ainda muito matuto...

– Então o diabo também é matuto, porque ele pareceu-me nada menos que o diabo. E pedir-me que a certa hora olhasse para o Cruzeiro, a fim de que as nossas almas se encontrassem?

– Isso, sim, isso já cheira a namoro, concordou Palha; mas bem vêes que é um pedido de alma cândida. É assim que as moças falam aos quinze anos; é assim que falam os tolos em todos os tempos, e os poetas também; mas ele nem é moça nem poeta.

– Creio que não; mas segurar-me nas mãos para reter-me no jardim?

Palha teve um calafrio; a idéia do contato das mãos e da força empregada para reter a mulher é que o mortificava mais. Francamente, se pudesse era capaz de ir ter com ele, de deitar-lhe as mãos ao gasnate. **Outras idéias, porém, acudiram e dissiparam o efeito da primeira;** de modo que, cuidando Sofia havê-lo irritado, viu-o dar de ombros com desprezo, e responder-lhe que efetivamente era um ato de grosseria.

– **E depois, Sofia, que lembrança foi essa de convidá-lo a ir ver a lua, não me dirás?**

– Chamei Dona Tonica para ir conosco.

– Mas uma vez que Dona Tonica recusou, devias ter achado meios e modos de não ir ao jardim. São coisas que acodem logo. Tu é que deste ocasião...

Sofia olhou para ele, contraindo as grossas sobranceiras: ia responder, mas calou-se. **Palha continuou a desenvolver a**

mesma ordem de idéias; a culpa era dela, não devia ter dado ocasião...

– Mas você mesmo não me tem dito que devemos tratá-lo com atenções particulares? Seguramente que eu não iria ao jardim, se pudesse imaginar o que se passou. Mas nunca esperei que um homem tão pacato, tão não sei como, se tirasse dos seus cuidados para vir dizer-me coisas esquisitas...

– **Pois daqui em diante evita a lua e o jardim, disse o marido, procurando sorrir.**

– Mas, Cristiano, como queres tu que lhe fale a primeira vez que ele vier? Não tenho cara para tanto; olha, o melhor de tudo é acabar com as relações. (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. Grifos meus.)

Cristiano, ao imaginar outro homem pegando com força na mão de Sofia, sente devidamente o ciúme e a indignação que se esperaria de um marido do século XIX, ainda mais ao saber que esse homem é um amigo, frequente na casa. No entanto, sobre a ideia de vingar a honra, sobrepõe-se outra ideia, capaz de dissipá-la. Mas o narrador, aqui, ainda não diz tudo, ou ainda não obriga Palha a dizer tudo a mulher. Diante da insistência de Sofia para que cortassem relação com Rubião, “era preciso nem desaprová-la, nem aceitar a proposta”. Compreendemos melhor o dilema de Cristiano: precisa valorizar a indignação da esposa cortejada, mas não pode desfazer relações com Rubião. Ele insiste, portanto, que não é caso de cortar relações, afinal, Rubião “é um simplório”. E da indignação, passando pela desconsideração ao amigo e pela acusação à mulher, Cristiano acaba por confessar o verdadeiro motivo, no desfecho em que se misturam novamente interesse e desejo:

Sofia levantou-se; também não queria entrar em minudências. O marido pegou-lhe na mão, ela ficou de pé e calada. Palha, com a cabeça reclinada nas costas do sofá, olhava sorrindo, sem achar que dizer. Ao cabo de alguns minutos, ponderou a mulher que era tarde, que ia mandar apagar tudo.

– Bem, tornou o Palha depois de breve silêncio; escrevo-lhe amanhã que não ponha aqui os pés.

Olhou para a mulher esperando alguma recusa. Sofia coçava as sobrancelhas, e não respondeu nada. Palha repetiu a solução; e pode ser que desta vez com sinceridade.

A mulher então com ar de tédio:

– Ora, Cristiano... Quem é que te pede cartas? Já estou arrependida de haver falado nisto. **Contei-te um ato de**

desrespeito, e disse que era melhor cortar as relações, – aos poucos ou de uma vez.

– Mas como se hão de cortar as relações de uma vez?

– Fechar-lhe a porta, mas não digo tanto; basta, se queres, aos poucos.

Era uma concessão; Palha aceitou-a; mas imediatamente ficou sombrio, soltou a mão da mulher, com um gesto de desespero. Depois, agarrando-a pela cintura, disse em voz mais alta do que até então:

– Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.

Sofia tapou-lhe a boca e olhou assustada para o corredor.

– **Está bom, disse, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.**

– **Você sabe, apertos do negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! É por isso que...** Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti.

– Vamos, que é tarde.

– Vamos, repetiu o Palha dando-lhe um beijo na face.

– Estou com muita dor de cabeça, murmurou ela. Creio que foi do sereno, ou desta história... Estou com muita dor de cabeça. (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. Grifos meus.)

Clichê se paga com clichê, e para cada “a culpa é da mulher” pode-se recorrer à “dor de cabeça”. O caso é que, na intimidade do quarto, na conversa entre marido e mulher, surge um pacto: toleremos a princípio o desejo de Rubião, não nos indignemos, afinal, estamos aproveitando o dinheiro dele. Notemos o que diz Cristiano ao final da última parte destacada: “é por isso que...” Não há necessidade de complemento, ou melhor, é essa elipse, esse vazio que aprofunda o pacto sinistro dos Palha: reconhecendo agora essa vantagem, a posse do coração de Rubião, o que podem fazer? Bom, o romance vai nos dizer, e a ruína de Rubião nas ruas de Barbacena não será por acaso.

Fora da vida íntima do triângulo, as cenas de Rubião com dr. Camacho ajudam a ilustrar o caráter cômico – e profundamente crítico – do romance, sempre por meio das marcas do jogo de duplo sentido, pela sutileza de uma narrativa que sugere muito mais do que afirma. Reservo aqui duas passagens hilárias, em que a desfaçatez medíocre de Camacho e a vaidade ingênua de Rubião se encontram como a mão e a luva.

Comecemos pelo episódio de quando Rubião foi confundido por São Vicente de Paula, como afirma Freitas, o mais fiel de seus adutores, em relação à notícia do salvamento de Deolindo, quando o capitalista de Barbacena salta à rua e salva a criança de um atropelamento. O episódio, contado rapidamente por Rubião a Camacho minutos depois do acontecido, transformou-se em uma épica narrativa no jornal *Atalaia*, cujo dono era, por óbvio, o próprio Camacho. Rubião, como se sabe, financia a folha em questão, e seu proprietário e diretor de redação não poderia deixar por menos o gesto corajoso de seu benfeitor. Pois bem, isso tudo está evidente, o que merece ser destacado é de que modo se dá, na consciência de Rubião, a passagem do constrangimento da exposição à vaidade mais flagrante. Para isso, precisaremos do capítulo LXVII em sua íntegra:

De manhã na cama, teve um sobressalto. O primeiro jornal que abriu foi a *Atalaia*. Leu o artigo editorial, uma correspondência, e algumas notícias. De repente, deu com o seu nome.

– Que é isto?

Era o seu próprio nome impresso, rutilante, multiplicado, nada menos que uma notícia do caso da Rua da Ajuda. Depois do sobressalto, aborrecimento. **Que diacho de ideia aquela de imprimir um fato particular, contado em confiança?** Não quis ler nada; desde que percebeu o que era, deitou a folha ao chão, e pegou em outra. Infelizmente, perdera a serenidade, lia por alto, pulava algumas linhas, não entendia outras, ou dava por si no fim de vinte linhas sem saber como viera escorregando até ali.

Ao levantar-se, sentou-se na poltrona, ao pé da cama, e pegou da *Atalaia*. **Lançou os olhos pela notícia: era mais de uma coluna. Coluna e tanto para coisa tão diminuta! pensou consigo.** E a fim de ver como é que Camacho enchera o papel, leu tudo, um pouco às pressas, vexado dos adjetivos e da descrição dramática do caso.

– Foi bem feito! disse em voz alta. Quem me mandou ser linguarudo?

Passou ao banho, vestiu-se, penteou-se, sem esquecer a bisbilhotice da folha, **acanhado com a publicação de um negócio, que ele reputava mínimo**, e ainda mais pelo encarecimento que lhe dera o escritor, como se tratasse de dizer bem ou mal em política. Ao café, pegou novamente na folha, para ler outras coisas, nomeações do governo, um assassinato em Garanhuns, meteorologia, **até que a vista desastrada foi cair na notícia, e leu-a então com pausa. Aqui confessou Rubião que bem podia crer na sinceridade do escritor.** O entusiasmo da

linguagem explicava-se pela impressão que lhe ficou do fato; tal foi ela que lhe não permitiu ser mais sóbrio. **Naturalmente é o que foi.** Rubião recordou a sua entrada no escritório do Camacho, o modo por que falou; e daí tornou atrás, ao próprio ato. Estirado no gabinete, evocou a cena: o menino, o carro, os cavalos, o grito, o salto que deu, levado de um ímpeto, irresistível: — Agora mesmo não podia explicar o negócio; foi como se lhe tivesse passado uma coisa pelos olhos... Atirou-se à criança, e aos cavalos, cego e surdo, sem atender ao próprio risco... **E podia ficar ali, embaixo dos animais, esmagado pelas rodas, morto ou ferido; ferido que fosse... Podia ou não podia? Era impossível negar que a situação foi grave... A prova é que os pais e a vizinhança...**

Rubião interrompeu as reflexões para ler ainda a notícia. **Que era bem escrita, era. Trechos havia que releu com muita satisfação. O diabo do homem parecia ter assistido à cena. Que narração! que viveza de estilo!** Alguns pontos estavam acrescentados, — confusão de memória, — mas o acréscimo não ficava mal. E certo orgulho que lhe notou ao repetir-lhe o nome? “O nosso amigo, o nosso distintíssimo amigo, o nosso valente amigo...”

Ao almoço, riu-se de si mesmo; achou-se mortificado em demasia. Afinal, que tinha que o outro desse aos seus leitores **uma notícia que era verdadeira, que era interessante, dramática, — e seguramente, — não vulgar?** Saindo, recebeu alguns cumprimentos; Freitas chamou-lhe S. Vicente de Paula. E o nosso amigo sorria, agradecia, diminuía-se, não era nada...

— Nada? replicou alguém. Dê-me muitos desses nada. Salvar uma criança com risco da própria vida.

Rubião ia concordando, ouvindo, sorrindo; contava a cena a alguns curiosos, que a queriam da própria boca do autor. Certos ouvintes respondiam com proezas suas — um que salvara uma vez um homem, outro uma menina, prestes a afogar-se no boqueirão do Passeio, estando a tomar banho. Vinham também suicídios malogrados, por intervenção do ouvinte, que tomou a pistola ao infeliz, e fê-lo jurar... Cada gloriuzinha oculta picava o ovo, e punha a cabeça de fora, olho aberto, sem penas, em volta da glória máxima do Rubião. Também teve invejosos, alguns que nem o conheciam, só por ouvi-lo louvar em voz alta. Rubião foi agradecer a notícia ao Camacho, não sem alguma censura pelo abuso de confiança, mas uma censura mole, ao canto da boca... **Dali foi comprar uns tantos exemplares da folha para os amigos de Barbacena. Nenhuma outra transcreveu a notícia; ele, a conselho do Freitas, fê-la reimprimir nos a pedidos do Jornal do Commercio, interlinhada.** (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. Grifos meus.)

O desejo por reconhecimento, admiração e posição social acompanha Rubião desde Barbacena, quando, mui tragicamente, ele diz que irá “arrancar e

comer as batatas da capital”, no capítulo XXII, ao vir para o Rio de Janeiro. Sonha com casamentos *à la* nobreza russa; lê e tenta memorizar o nobiliário nacional, seus condes, duques e marqueses; e se ilude com a ideia de Camacho de lançá-lo à câmara dos deputados. Desnecessário discorrer a respeito de uma sociedade que seria capaz de permitir que um sujeito rico, sem preparo e sem ideias, pudesse ocupar um cargo legislativo dessa importância. Rubião, portanto, sofre do mesmo mal do amigo de seu benfeitor, Brás Cubas, quando confessava a “sede de nomeada” que lhe acompanha naquele romance.

Fisgado pela vaidade, Rubião esquece a indignação pela exposição de sua vida, ou que considerava o episódio comum e sem importância. Ele manda replicar no *Jornal do Comércio* – e enviar alguns a Barbacena – a notícia que, escrita de forma por tão verdadeira, interessante e dramática, fazia crer que Camacho tinha “assistido à cena”.

Tornar-se público, contudo, não garante que alguém se torne, de fato, um “homem público”, como diz a expressão. Rubião não lidera nada ou ninguém, não tem ideias próprias, é manipulado e intimidado por outros, mais velhacos do que ele, sempre à mercê da satisfação alheia, desde os abutres Camacho e casal Palha, mas também seus inúmeros “comensais”, como o Freitas, que se reúnem em torno de sua mesa todos os dias, usufruindo de seus luxos, como refeições fartas, vinhos e bons charutos. Desse desejo de publicidade, portanto, origina-se também a ruína do “ricaço de Barbacena”, como é chamado nos primeiros meses em que chega à Corte. O próprio menino Deolindo, é bom lembrar, reaparecerá no momento da derrocada de Rubião, quando sua publicidade não vem mais de sua coragem ou integridade, mas da triste condição pública de homem em surto. No caso do contexto do romance, um “gira”, como gritam cruelmente Deolindo e outros meninos ao vê-lo passar pela rua no capítulo CLXXXII.

Voltemos mais uma vez a *Atalaia*, o jornal de Camacho, para entendermos melhor a crítica de Machado à política e, sobretudo, à retórica política – e seus mecanismos e condições de existência, quase sempre estabelecidos pela troca de interesses. Dr. Camacho está redigindo um texto em que ataca seus adversários políticos de dentro do partido, e recebe a ajuda de Rubião na composição final. E

se o texto original já é, por si só, patético, a emenda do barbacenense escancara essa miséria de ideias. Vamos ao capítulo CX e CXI:

Entenderam-se sobre as modificações políticas da folha. **Camacho lembrou ao Rubião que a candidatura deste naufragara por causa justamente da oposição dos chefes.** De alguns, emendou logo. Rubião concordou; assim lho tinha dito o amigo em tempo, e a lembrança avivou o ressentimento do desastre. **Podia, devia estar na câmara. Os tais é que o não quiseram; mas haviam de ver, pensava. Rubião; tinham de amargar o mal feito. Deputado, senador, ministro, vê-lo-iam tudo, com olhos tortos e espantados.** A cabeça de nosso amigo, tanto que o outro lhe pôs a faísca, foi ardendo de si mesma, não por ódio, nem inveja, mas de **ambição ingênua, de cordial certeza, visão antecipada e deslumbrante das grandezas.** Camacho estimou achá-lo de acordo.

— A nossa gente é de igual opinião, disse ele. Creio que não faz mal uma pequena ameaça aos amigos.

Nessa mesma noite, leu-lhe o artigo em que advertia o partido da conveniência de não ceder às perfídias do poder, apoiando em algumas províncias certa gente corrupta e sem valor. Eis aqui a conclusão:

“Os partidos devem ser unidos e disciplinados. Há quem pretenda (*mirabile dictu!*) que essa disciplina e união não podem ir ao ponto de rejeitar os benefícios que caem das mãos dos adversários. *Risum teneatis!* Quem pode proferir tal blasfêmia sem que lhe tremam as carnes? Mas suponhamos que assim seja, que a oposição possa, uma ou outra vez, fechar os olhos aos desmandos do governo, à postergação das leis, aos excessos da autoridade, à perversidade e aos sofismas. *Quid inde?* Tais casos, — aliás, raros, — só podiam ser admitidos quando favorecessem os elementos bons, não os maus. Cada partido tem os seus díscolos e sicofantas. É interesse dos nossos adversários ver-nos afrouxar, a troco da animação dada à parte corrupta do partido. Esta é a verdade; negá-lo é provocar-nos à guerra intestina, isto é, à dilaceração da alma nacional... Mas, não, as idéias não morrem; elas são o lábaro da justiça. Os vendilhões serão expulsos do templo; ficarão os crentes e os puros, os que põem acima dos interesses mesquinhos, locais e passageiros a vitória indefectível dos princípios. Tudo que não for isto ter-nos-á contra si. *Alea jacta est.*”

Rubião aplaudiu o artigo; achava-o excelente. Talvez pouco enérgico. Vendilhões, por exemplo, era bem dito; mas ficava melhor vis vendilhões.

— Vis vendilhões? Há só um inconveniente, ponderou Camacho. É a repetição dos vv. Vis ven... Vis vendilhões; não sente que o som fica desagradável?

- Mas lá em cima há vés vis...
- Vae victis. Mas é uma frase latina. Podemos arranjar outra coisa: vis mercatores.
- Vis mercatores é bom.
- Contudo, mercatores não tem a força de vendilhões.
- Então, por que não deixa vendilhões? Vis vendilhões é forte; ninguém repara no som. Olhe, eu nunca dou por isso. Gosto de energia. Vis vendilhões.
- Vis vendilhões, vis vendilhões, repetiu Camacho, à meia voz. Já estou achando melhor. Vis vendilhões. Aceito, concluiu emendando. E releu:

“Os vis vendilhões serão expulsos do templo; ficarão os crentes e os puros, os que põem acima dos interesses mesquinhos, locais e passageiros a vitória indefectível dos princípios. Tudo que não for isto ter-nos-á contra si. *Alea jacta est.*”

– Muito bem! disse Rubião, sentindo-se algum tanto autor do artigo.

– Parece-lhe bem? perguntou Camacho, sorrindo. Há pessoas que ainda me acham no estilo a frescura do meu tempo de estudante. Não sei, não digo nada; a disposição, sim, é a mesma. Hei de castigá-los; havemos de castigá-los. (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997. Grifos meus.)

Destaco apenas algumas passagens dos primeiros parágrafos do trecho, já que o restante é todo memorável, haja vista a enxurrada de lugares comuns e frases feitas que compõem o vazio do artigo de Camacho. O importante é notar que, para Rubião, foi-lhe roubado um lugar na câmara: “devia estar” lá. Tudo por orientação de Camacho, que acaba aceitando. Contudo, enquanto a cacofonia de Rubião, seus “vis vendilhões”, é demonstrada timidamente pelo próprio Camacho, ainda que o coautor do artigo insista em sua opção estilística, a retórica do dono da *Atalaia* é ainda mais ridícula, já que não argumenta, não propõe, não critica: reúne uma série de frases feitas do latim para salpicar um conjunto de afirmações demagógicas e de pura afetação, para não dizer terrivelmente cafonas. Ambos se merecem, o político medíocre e o ambicioso ingênuo, mas somente Rubião atravessará o limite da dignidade e da consciência a partir da sua própria destruição.

A loucura, afinal, toma força no romance a partir de sua segunda metade. Alguns episódios, em que Rubião delira ou ouve vozes, surgem aos poucos na narrativa, assim como as observações que o personagem buscava “restituir a unidade perdida”, ainda que sem saber como. Rubião, ao receber a herança de Quincas Borba, pensa, erroneamente, que havia entendido a máxima do filósofo: “ao vencedor, as batatas”. Ele crê haver vencido, afinal, ficara rico. Acontece que Rubião, afinal, não entende metáforas. É um “ignaro”, como já havia dito Quincas Borba em sua última carta ao amigo. A máxima filosófica, além de uma paródia com a própria linguagem da filosofia, aponta para ideias de pensadores distintos, como Darwin, Spencer ou Schopenhauer, por exemplo, em que se abandona, grosso modo, a crença em um propósito ideal para a existência. O conhecimento se volta, agora, para uma análise voltada para o domínio da natureza, da razão, do progresso científico e tecnológico, temas muito presentes no final do século XIX e que podem dialogar com a paródia machadiana. No mundo dos Palhas e Camachos, Rubião é presa fácil para que *humanitas* siga adiante como a carroça fez sobre a avó de Quincas Borba, no relato do capítulo VI. A sua morte, na miséria, loucura e abandono, nada mais é que a força necessária para que os Palha, por exemplo, ascendessem socialmente, aponta cruel e ironicamente o romance.

Absorvido pela doença e arruinado por todos os que se cercaram dele, Rubião foge e, com Quincas Borba (o cão), volta finalmente para Minas, para Barbacena, para onde desejava retornar desde o capítulo LIX, quando é dissuadido por Camacho, que lhe oferece uma vaga na Câmara, e por Cristiano, que oferece a própria esposa para fazer companhia ao amigo em viagens. Tarde demais para restituir qualquer unidade, Rubião vaga pelas ruas de Barbacena em surto, crendo ser Napoleão III, Imperador da França, e seu desfecho, assim como o do romance, é a provocação final aos “desgraçados leitores”:

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão prenhe de

questões, que nos levariam longe. Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens. (ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997.)

O romance acaba, mas o livro segue seu logro. O título, onde tudo começa, e o sentido da morte do protagonista, comunicam-se em sua indeterminação. Quem é o Quincas Borba do título? Qual o sentido da vida de Rubião? Devo rir de suas ações patéticas, de seu desengano em relação à Sofia? Ou sofrer com seu desamparo, sua ingenuidade, seu triste destino? O leitor pode sempre dizer que, afinal, Rubião se deixou levar pela vaidade em excesso, agiu de maneira egoísta em prol de seus interesses, desejou (e cortejou!) a esposa do amigo, portanto, sua derrocada não o exime de culpa. É verdade. Mas e os Palha? Não mereceriam sorte pior por conta de suas ações imorais? Talvez. Caso o Cruzeiro, ou quase outra força celestial, discernissem nossas ações, intenções e desejos. Há entre o céu e a terra muito mais destinos do que sonha o seu senso de justiça, poderia responder Machado.

A mensagem final ao leitor, portanto, enriquece ainda mais a perspectiva de leitura de *Quincas Borba*. Ao negar o sentido primeiro (o título) e último (engraçado ou triste) ao romance, Machado aponta, mais uma vez, para a responsabilidade do leitor e da leitura. Somos nós, que lemos esse livro há mais de um século, que devemos retornar as páginas, às construções enigmáticas, ao duplo sentido, à ironia fina, ao humor sutil, aos recursos de paródia, à interlocução com o leitor e a tantas outras formas de nomear o estilo machadiano no que ele tem de elíptico, reticente, enviesado – em uma palavra: divertido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. “O alienista” In: *Papeis avulsos*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. “Teoria do medalhão – diálogo” In: *Papeis avulsos*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 1997.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.